

DESIGUALDADE E ECOLOGIA: SEUS TEÓRICOS

ENRIQUE MARROQUÍN

Cidade de México, México

O sistema econômico capitalista, ao estar alicerçado na liberdade irrestrita do mercado, tende, por sua natureza, à concentração da riqueza. Seus apologistas proclamam que graças a essa liberdade temos produtos melhores e mais baratos; pregam também que a riqueza assim obtida se difundirá automaticamente por uma espécie de “transbordamento” até os estratos inferiores da população. Seu Estado, “guardião noturno”, limitaria-se a regular a competição mediante leis antimonopolísticas e simples arbitragem. Mas o que observamos é que a busca da maximização do lucro a qualquer preço conduz à concentração de riqueza, e que esta teria se agravado ao longo da história. Ao mesmo tempo, provoca a pauperização crescente de amplos setores (“população restante”) e a destruição do Planeta. Essa situação vem interpelando o pensamento crítico na busca de um novo paradigma que ilumine uma atuação transformadora.

Thomas Piketty é o autor que melhor demonstrou como a concentração de capital foi se ampliando ao longo da história. Sua obra bem-sucedida *Le Capital au Siècle* é um livro demolidor, erudito, rigoroso e até agora não questionado. Ele desconstrói o mito de que os EUA sejam um país de oportunidades, onde quem tem mais talento e trabalha mais pode adquirir maior capital. Ele comprova que o capital não é fruto do trabalho, e sim dos ativos que se detem, especialmente as heranças. Sua tese central é que quando a taxa de crescimento do capital supera de modo constante a taxa de crescimento da produção e renda, produzem-se mecanismos de desigualdade insustentáveis. A riqueza cresce de forma impressionante, mas não mediante a produção de bens, e sim mediante a especulação monetária. Ele propõe uma política de impostos progressivos e de tratamento distinto da dívida pública (Ed. Seuil, Paris: 2013; disponível em português: Ed. Intrínseca, Rio de Janeiro: 2015).

Julio Boltvinik, analista econômico, questiona a defesa do modelo neoliberal quanto a seu êxito na diminuição da pobreza. Os números, aparentemente, confirmam certos êxitos, ao menos quanto à pobre-

za extrema; no entanto – alega o autor – isto pode se dever simplesmente aos critérios empregados na medição da pobreza. Os EUA consideram “pobres” aqueles que ganham menos de dois dólares por dia; mas isto depende do nível de vida de cada país. Como alternativa, Boltvinik propõe como indicadores de pobreza a insatisfação das necessidades mais básicas (alimento, abrigo, habitação), e para a classe média baixa (“pobreza alta”), certa qualidade em outros três indicadores: saúde, educação e lazer.

William I. Robinson estuda a nova realidade do capitalismo mundial, caracterizado por sua expansão – extensiva e intensiva –, a ponto de que dita expansão alcançará seus limites, e então suas contradições marcarão “o fim da história”. Passa-se agora de uma economia mundial a uma economia global. Esta transnacionalização da economia tende a eliminar o capitalismo de Estado-nação, configurando-se assim a dominação mundial por um Estado transnacional conduzido pela classe capitalista igualmente transnacional (*Una teoría del Capitalismo global*, Desde Abajo, Bogotá: 2007).

David Rothkopf analisa esta “superclasse”, a elite da elite, umas 6000 pessoas – uma em um milhão –, de origem internacional, intercultural e interracial: suas redes sociais, seus vínculos entre os poderes militar, político, econômico e cultural (arte, esporte, informática, comunicações). Naturalmente há uma hegemonia de cidadãos norte-americanos, mas a globalização implica economias interconectadas, incluindo as de países emergentes e, por tanto, corporações multinacionais, porém sem impedimentos dos governos nacionais (*Superclass, the global power elite and the world they are making*, Farrar, Strauss and Ginoux, Nova Iorque: 2008).

Joseph E. Stiglitz, prêmio Nobel de Economia, aborda como esta desigualdade desmensurada está comprometendo gravemente nosso futuro. Não só provoca um crescimento mais lento e um PIB mais baixo, mas também causa instabilidade, debilidade democrática, contaminação, desemprego, mas – o mais importante de tudo – a degradação de valores e o

empobrecimento moral: se tudo é aceitável, ninguém é responsável! (*O Preço da Desigualdade*, Bertrand Editora, Lisboa: 2013).

Annie Leonard explica pedagogicamente os mecanismos do sistema econômico e seus efeitos não só na desigualdade de riqueza, mas também em seu impacto na natureza, incluindo nosso corpo. Sua tese está no Youtube (*A História das Coisas*) no formato de desenhos animados com milhões de visitas.

Víctor Toledo expõe as teses da “ecologia política”, que integra uma visão holística (natureza e sociedade) e supera a tecnociência neoliberal: 1) o desliz do mundo para o caos ou o colapso provém da dupla exploração que efetua o capital sobre a natureza e sobre o trabalho humano. Ambos os fenômenos encontram-se indissociavelmente ligados e surgem com as sociedades desiguais; 2) sua expressão espacial vai do global ao local, e vice-versa; 3) a sucessão de crises nas últimas décadas responde a uma crise civilizatória. Tudo isso acontece enquanto consequência do crescimento da desigualdade social pela concentração de riqueza, assim como da ineficácia das principais instituições do mundo moderno. A única saída será uma transformação radical, pacífica e profunda.

James O'Connor, a partir de um “marxismo ecológico”, estuda as relações entre a sociedade capitalista e a natureza, observando uma nova modalidade de crise: a subprodução de capital que a degradação ecológica impõe. Os custos ecológicos crescentes contribuem para a diminuição da lucratividade do capital e levam a uma crise de acumulação. A contradição do capitalismo atual não é só a que se dava entre as forças produtivas e as relações sociais de produção (que leva a uma superprodução), e sim a uma segunda contradição, que se dá entre a produção e a materialização (ou apropriação) do valor e da mais-valia entre a produção e a circulação de capital. Por tanto, o agente de mudança para o socialismo não é só o proletariado, mas também os novos Movimentos Sociais (*Causas Naturales. Ensayos sobre marxismo ecológico*, Siglo XXI, México: 2001).

John Bellamy Foster aprofunda esta reflexão, explicando como todos estes elementos podem ser classificados como “condições de produção”, nas quais nem todo o lucro é produzido pela indústria capitalista, mas também por “mercadorias fictícias”. Desta forma, o “marxismo ecológico” complementa a tese marxista

tradicional com a tese desta segunda contradição, que liga a escassez ecológica, a crise econômica e o crescimento dos novos movimentos pela mudança social:

a) na medida em que o dano ecológico se traduz em uma crise econômica, um mecanismo de retroalimentação é colocado em marcha; b) o capital tenta deter os custos crescentes relacionados com o solapamento das condições de produção e os Movimentos Sociais pressionam para que o capital internalize ditos custos; c) ambos os fatores empurram o capital a formas de produção mais sustentáveis ecologicamente; d) surge assim uma oportunidade para a esquerda de construir uma aliança entre o movimento operário de cunho classista e os novos Movimentos Sociais. No entanto, o capitalismo mantém sua capacidade de acumulação em meio à própria destruição ecológica e lucra com ela destruindo a terra até o ponto de não retorno.

Concluo alertando sobre o colapso planetário que não só ameaça o modelo neoliberal, mas também a própria sobrevivência da vida humana no Planeta, o que alguns estimam em décadas. O risco aumenta na mesma medida que a ambição sem limites da “superclasse” não permite corretivos que comprometam seu lucro. Para se justificar, esta superclasse dispõe das anestesiantes mídias de massa, e – caso falhe a manipulação do “consenso”- o poder dissuasivo da “coerção”, a mais sofisticada tecnologia para uma espionagem total, que integra, em um gigantesco banco de dados toda a informação de milhões de pessoas (mensagens e chamadas telefônicas, cartões de crédito, internet, facebook e, em breve, o DNA!), como revelou Snowden. Esta informação está disponível para o novo armamentismo “inteligente” (drones e munições teleguiadas), que podem sair de qualquer uma das mil pequenas bases militares disseminadas no oceano e assassinar o portador de algum celular, esteja ele onde for.

No entanto há esperança: surgem inúmeras pessoas, comunidades e Movimentos Sociais que usam as mesmas redes para intercomunicarem-se em nível global e que lutam para corrigir o ciclo de vida atual dos bens e serviços, até processos cíclicos de autosustentabilidade. É provável que no caso de um colapso do sistema econômico, tais experiências sejam as que sobrevivam e restaurem o futuro.